



O conflito estético na área dos valores: contraponto entre enigma e mistério

Clara Nemas*, Buenos Aires

Neste trabalho proponho que a inclusão do conflito estético na conceitualização do desenvolvimento precoce abriu um campo na concepção da análise, que, apesar de vir germinando na teoria kleiniana, não havia alcançado o desenvolvimento que lhe deu Donald Meltzer. O conflito estético impulsiona o desenvolvimento ao promover a formação de símbolos e o desejo de apreender o significado emocional das experiências. Isto emerge da necessidade de descobrir e conhecer o interior do objeto presente. A maneira como este conhecimento é realizado pode ter duas vertentes opostas: uma consiste em tolerar o mistério do interior do objeto, forjando conjeturas imaginativas à espera de um conhecimento revelado. A outra tenta desvelar um enigma que oculta um segredo, através de certezas construídas por métodos intrusivos. O modo prevalente de relação com o objeto será o divisor de águas entre os aspectos criativos e destrutivos deste conhecimento.

Descritores: conflito estético, enigma, mistério, desenvolvimento precoce.

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.





Clara Nemas

Meltzer deixou um espaço aberto na sua obra, que convidaria a escrever um quarto volume de *O Desenvolvimento Kleiniano* (1978b), dedicado ao seu próprio pensamento, para mostrar a dimensão ética e estética que introduziu na nossa compreensão da vida humana. Esta se somaria à econômica, à mítica-teológica e à epistemológica que descreveu nos desenvolvimentos de Freud, Klein e Bion, os quais considerava relacionados entre si como a raiz, o caule e os galhos, florescendo e dando frutos na tarefa clínica do consultório.

Penso que as idéias desenvolvidas por Meltzer, ao descrever o conflito estético, mostram o caminho para aproximar-nos do vínculo entre ética e estética na sua obra. Quando se incorpora uma definição à bagagem conceptual da psicanálise, também se toma uma decisão que vai ter efeitos na clínica e na música – não só no conteúdo – das nossas interpretações. Isto é o que tem acontecido com o conceito de conflito estético, que, ao abrir novas perspectivas com relação à compreensão do desenvolvimento psíquico precoce, tem influenciado, por sua vez, na concepção do processo analítico.

Ponto de partida

Meltzer (1978b) sustentou que Melanie Klein introduziu o tema dos valores na psicanálise com os conceitos de posição esquizoparanóide e depressiva, desenvolvendo um modelo da mente que ele denominou teológico. O tema dos valores na psicanálise, dentro do desenvolvimento kleiniano, tem a ver com a evolução do conceito do superego. O superego concebido por Freud poderia ser homologado a uma figura patriarcal do *Antigo Testamento*, quer dizer, uma autoridade a ser temida e obedecida sem questionamentos. Money-Kyrle (1955) denominou moralidade do medo a esta configuração emocional; descreveu outro aspecto da moralidade, não baseado no medo, senão no amor e relacionou estas duas moralidades com as ansiedades paranóicas e depressivas descritas por Melanie Klein.

Meltzer considerava que nosso juízo sobre de nós mesmos, de nossos semelhantes e do mundo está afetado por nossa hostilidade. No prólogo às obras completas de Money-Kyrle (1978a), diz: “O desejo de encontrar falhas como expressão da inveja e da submissão aos nossos perseguidores nos cega para as virtudes dos nossos inimigos e as falhas dos nossos aliados” (p.VIII). A inveja e o ódio induzem à projeção das partes odiadas do *self*, obscurecendo a capacidade de observação do mundo externo, já que, como conseqüência deste mecanismo, o





conflito fica exteriorizado e a mente fica privada do impulso à indagação do mundo interno e suas motivações. Continua dizendo... “graduais revelações da verdade podem liberar os homens dos modelos mais primitivos que afetam seu juízo e guiam suas ações” ... “Mas a retificação deste modelo do mundo compromete o homem numa *transformação de seus valores*, já que, enquanto a verdade pode liberá-lo das ansiedades persecutórias, lhe impõe um amor pelos mundos, interno e externo, e culpa conseqüente pelo dano causado por sua voracidade e inveja destrutiva....” (Meltzer, 1978a, p.IX)*.

A transformação de valores dependerá da relação entre o *self* e os objetos internos, particularmente aqueles que cumprem a função de *superego ideal*, descrito por Meltzer em *Estados Sexuais da Mente* (1973). O autor situa o objeto parental combinado no superego ideal, o qual considera como inspirador do desenvolvimento do *self*. Atribui ao superego ideal o aspecto criativo da mente e a geração de novas idéias, inclusive sobre as formas éticas de viver.

Na teoria kleiniana os valores são gerados e regulados pelas relações do *self* com os objetos no mundo interno. Quando Meltzer (1973) descreve este mundo interno, atribui-lhe uma organização de tipo familiar, composta por objetos internos (o casal parental) e partes do *self* em vários níveis de maturidade (aspectos infantis: menino–menina, bebê e adulto). No transcurso do desenvolvimento, o *self*, que compreende tanto os aspectos do ego – funções – como os do id – representações corporais – da personalidade, vai se organizando ao redor de um objeto internalizado que se experimenta na fantasia como um objeto parcial (mamilo-peito) e, depois, como mãe e pai, quer dizer, como o objeto combinado.

Desse modo vai se construindo o mundo interno em relação com os objetos bons, nos que prevalecem os sentimentos de amor e gratidão. A estrutura adulta cresce por identificação com os objetos internos numa relação de dependência inspirada por eles. Mas, em paralelo a esta estruturação, pode existir um desenvolvimento baseado no negativismo e na inveja, o *sistema delirante da parte esquizofrênica da personalidade*, que terá graus variados de prevalência em diferentes indivíduos e em situações de ansiedade e pressões extremas.

Mas qual é o método que vai gerando este mundo interno? A construção do mundo interno depende do movimento de maré de introjeções e projeções, cujo protótipo é a relação com o seio. Por introjeção, o objeto irá ocupando um lugar dentro da mente. Do mesmo modo, o *self* infantil sente que ocupa um espaço na mente da mãe. A fantasia inconsciente tem um caráter muito concreto, já que, a partir dela, habitamos no mundo interno junto a nossos objetos. Este objeto inter-

* O grifo é do autor.





Clara Nemas

no tem uma especialidade que é equiparável à do mundo externo e, portanto, vivemos simultaneamente em mais de um mundo; é como se cedêssemos um território em nosso espaço mental ao objeto para que habite dentro de nós¹. Se nessa convivência prevalecem os afetos ligados à posição depressiva, o objeto terá liberdade para mover-se no mundo interno e produzir-se-á um intercâmbio enriquecedor entre o *self* e o objeto. Porém, se o convite para habitar no mundo interno se fizer sob a dominância dos ciúmes possessivos, o objeto será um prisioneiro e importará mais tê-lo do que usá-lo.

As relações entre o *self* e os objetos parentais não são sempre harmônicas; as discordâncias entre as expectativas do *self* e as dos objetos internos geram dores depressivas que impulsionam o crescimento emocional, já que promovem a tolerância às falhas e a integração enriquecedora dos diversos aspectos do *self*. Se a integração fracassa porque a intolerância à dor mental é muito marcada, podem reaparecer defesas contra si mesmo, particularmente a cisão e a projeção.

À medida que o conflito estético foi ganhando um lugar na teoria do desenvolvimento humano proposta por Meltzer, foram se manifestando outros tipos de discordâncias dolorosas entre o *self* e o objeto que também são impulsionadoras do desenvolvimento; nos referimos à discordância entre o exterior, apreensível pelos sentidos, e o interior incognoscível da mente da mãe, como desenvolveremos mais tarde.

Responsabilidade e integração

A responsabilidade pessoal é a categoria central da ética; a ética tem a ver com a responsabilidade pessoal que se assume pelos demais (o *outro*) e se expressa na eleição das nossas decisões. Diferentes filósofos têm considerado que a ética é uma resposta à reclamação do outro desde nosso interior. Cada resposta requer uma decisão e, por sua vez, cada decisão tem algo de um salto ao vazio, já que devemos assumir as conseqüências das mesmas sem poder saber por antecipado em que vão consistir.

Quando Melanie Klein (1940) introduziu o conceito de mundo interno, concebeu o desenvolvimento do ser humano partindo de que o bebê tem um papel ativo na construção da sua própria mente. Apesar de que a autora outorga um lugar muito preponderante aos fatores constitucionais, a idéia de que a construção

1. Nisto consiste o acréscimo à metapsicologia freudiana do ponto de vista geográfico descrito por Meltzer (1967).





da mente é constante e persiste durante toda a vida, é uma idéia otimista, já que abre renovadas oportunidades para o desenvolvimento e, diga-se de passagem, para as possibilidades de mudança através da psicanálise.

Desta noção – a ativa participação do *self* na construção da própria mente – deriva, no meu entender, a idéia de responsabilidade pela realidade psíquica. Nesta construção, o *outro*, o objeto, fica incluído no espaço mais privado do *self*, no núcleo do ego originado na introjeção do objeto bom. Esta relação tão íntima com o objeto que é introjetado tem lugar sobre um *pano de fundo de conflito entre o amor e o ódio incontrolável* (Klein, 1935). Quer dizer que o *self* deve lutar contra seus próprios impulsos hostis para sustentar a relação com um objeto com o qual se identifica a partir da introjeção de suas boas qualidades. O estabelecimento do objeto bom dentro do ego tem um efeito duplo: por um lado o *self* se sente identificado com um objeto que tem capacidade de amar e, por outro, se sente ele mesmo querido por esse objeto. Esta é uma condição muito importante para o processo de integração que consideraremos mais tarde, já que a mesma não só consiste na unificação das imagos parciais e na tolerância à ambivalência, senão também na mitigação do ódio pelo amor.

Para entender o modo como esta responsabilidade é exercida, é imprescindível revisar um dos aportes mais originais do pensamento kleiniano: a hierarquia outorgada aos mecanismos de cisão e idealização, identificação projetiva e ao conseqüente processo de integração.

A diferenciação entre bom e mau, que começa com a cisão e idealização, progride na sua oscilação desde a posição esquizoparanóide à depressiva. Na posição depressiva o sujeito é mais capaz de reconhecer e reintegrar aqueles aspectos de seu *self* que haviam sido forçados pela projeção dentro dos objetos e de sentir a culpa pelo dano que tivesse ocasionado. A partir desta reintrojeção dos aspectos que tinham sido cindidos e projetados, se redefine uma nova fronteira entre o sujeito e o objeto que havia ficado desalinhada pelo acionamento da identificação projetiva. Como conseqüência desta maior discriminação, é possível aceitar a existência de objetos separados do *self* e das relações que os objetos estabelecem entre si na configuração edipiana.

Este processo não é linear, senão complexo. A possibilidade de cindir e fragmentar a vida emocional e a capacidade de pensar continuam vigentes ao longo da vida. Em *Estados Sexuais da Mente* (1973), Meltzer descreve detalhadamente como os aspectos destrutivos da mente promovem uma regressão através da criação de estados conflitivos que haviam sido laboriosamente atravessados ao longo do desenvolvimento. As conseqüências das ansiedades depressivas começam a agravar-se tanto, até que os ciúmes não podem ser distinguidos da persegui-



ção, até que, ao chegar à total confusão de bom e mau, o *self* infantil perde o contato com o objeto bom necessário para seu desenvolvimento.

Penso que os conceitos de responsabilidade e integração se encontram associados no pensamento kleiniano. Melanie Klein (1957) considera que, ao longo do crescimento emocional, é necessário ser capaz de reintegrar no aqui e agora as responsabilidades pelos ataques atuais e passados aos objetos de amor, como um primeiro passo para uma reparação significativa. Entendo que Meltzer, ao longo de sua obra, modifica esta perspectiva sobre a reparação. Esta é considerada maníaca quando o *self* infantil (bebê) tenta realizá-la, já que a reparação é, para o autor, interior ao casal parental e corresponde aos aspectos maduros da personalidade. Penso que, nesta teoria, ao bebê cabe reconhecer e sustentar sua dependência, que está sempre em conflito com seu desejo narcisista de negar e atacar as capacidades adultas dos seus pais, que são as que ao mesmo tempo necessita.

Melanie Klein (1957) dedicou um livro, *Inveja e Gratidão*, ao tema da integração. A autora propõe que, para que a integração do *self* seja possível, se requer uma cisão adequada entre o objeto amado e odiado. Deste modo, através da cisão que separa os aspectos bons e maus do *self* e os objetos, se preserva o objeto bom da destruição dirigida ao objeto odiado, e isto torna possível a ulterior síntese do objeto e integração do *self*. Melanie Klein estabelece uma diferença entre a síntese dos aspectos contrastantes do objeto e o processo de integração. Para ela, a integração transcende a mera unificação dos opostos e resulta numa nova relação entre as partes cindidas do *self* e o objeto bom, que, como já vimos, considera como núcleo estrutural do ego.

No seu artigo *O Sentimento de Solidão*, Klein (1963) descreve as dificuldades para aceitar e tolerar a integração. Relaciona o sentimento de solidão com a incapacidade de integrar suficientemente o objeto bom e também porque as partes do *self* que ficaram cindidas e projetadas são inacessíveis e sofrem o abandono. Esta confrontação com os próprios aspectos destrutivos e partes odiadas do *self* implica um crescente e penoso contato com a realidade, já que se vê acompanhado de uma diminuição da onipotência e da idealização tanto do objeto como do *self*.

Meltzer trabalha o conceito de integração nos começos da sua obra no artigo *A diferenciação entre os delírios somáticos e a hipocondria* (1964). Ali descreve, com grande preciosismo clínico, a luta entre as tentativas de integração e a resistência à mesma. Esta pode aparecer na transferência de diferentes modos: uma é a resistência do aspecto bom do *self* infantil que se ligou ao seio analítico e se recusa a compartilhá-lo com outras partes do *self* que considera hostis. Existe uma intenção ativa de manter excluídos os aspectos maus que lutam por se apro-



ximar, atraídos pela bondade do objeto, mesmo às custas de que esta exclusão os mantenha num estado primitivo e ameaçador. Também a parte destrutiva do *self* pode resistir a ser atraída para a esfera dos objetos bons, já que isto suporia o contato com ansiedades depressivas e o conseqüente aparecimento da passagem do tempo, algo não tolerado pela organização narcisista da personalidade que não tolera as perdas e os limites humanos.

Considero que a integração é a possibilidade que o *self* tem de se encarregar de suas próprias emoções. Proponho considerar a integração relacionada estreitamente com a ética no desenvolvimento kleiniano. Poderia se dizer que a *integração* é um requisito para a *integridade* no sentido ético do termo.

A capacidade de integração promove a retirada das projeções intrusivas dos aspectos indesejados do *self* nos pais e, portanto, implica uma reabilitação dos mesmos no mundo interno. A partir da minha perspectiva, complementar a de Meltzer, proponho considerar a integração como uma forma de reparação possível realizada pelo *self* infantil, como um modesto, mas ativo aporte do *self* infantil à possibilidade de que os objetos internos, ainda não infiltrados pelas partes más do *self*, se reparem entre si.

O *self*, mesmo o *self* infantil, contribui à relação de objeto. Na posição depressiva a contribuição do *self* parte do vínculo de conhecimento (vínculo K), não isento de amor (vínculo L) e ódio (vínculo H). Isto implica um reconhecimento das virtudes e defeitos do objeto e do *self*, sem cair na idealização ou no desprezo. A existência deste conhecimento integrado do *self* e do objeto na mente, sem cisões e projeções automáticas de aspectos indesejados, é o que *constitui e define, no meu entender, o vínculo estável e amoroso que se estabelece com o objeto total* na elaboração da posição depressiva.

Porém a integração não é uma idéia totalizadora, senão algo mais ligado ao que se conhece em filosofia como pensamento complexo (Morin, 1994), que reconhece, por sua vez, a necessidade e a impossibilidade de uma unificação e de uma síntese completa.

Conflito estético – contraponto entre enigma e mistério

O *Dicionário da Real Academia Espanhola* (1992) define *enigma* como um *ditado ou conjunto de palavras de sentido artificialmente encoberto para que seja difícil entendê-lo ou interpretá-lo*. A definição de *mistério* relaciona o termo com a religião: *na religião cristã, coisa inacessível à razão e que deve ser objeto de fé*. Interessa-me manter a diferença entre ambos os termos, já que, como





Clara Nemas

espero mostrar, enigma e mistério são duas aproximações à relação de objeto com conseqüências distintas e importantes no desenvolvimento emocional. Proponho esta diferença, já que o objeto estético é descrito por Meltzer explicitamente como enigmático (1988), mas penso que sua descrição é mais adequada para o conceito de mistério do que de enigma.

A descrição de conflito estético traz uma nova dimensão à compreensão do desenvolvimento da mente. Refere-se ao conflito entre o estado de arroubo do bebê ante a presença do aspecto externo da mãe – as qualidades formais de seu rosto e de seu peito – e a desconfiança que lhe produz o não poder conhecer as motivações que ela alberga no seu mundo interno. A beleza como atributo da mãe tem a qualidade de despertar no bebê uma resposta passional de amor, ódio e desejo de conhecer dirigidos ao mesmo objeto; esta capacidade de resposta é uma propriedade inata da mente humana, mas não pode ser sustentada em sua intensidade sem produzir cisões mais ou menos violentas no bebê.

No desenvolvimento, inevitavelmente, esse consórcio de paixões de amor, ódio e conhecimento se desarma; então, o bebê dirige seu amor ao objeto que o gratifica, odeia aquele que o frustra e passa a vida lidando com a integração desta cisão inicial. Uma das maneiras em que o impacto estético se faz mais tolerável para o bebê é através da resposta da mãe: a *reciprocidade estética*. O conflito estético tem para a mãe uma qualidade muito diferente, embora igualmente apaixonada, que a do bebê, já que o que desperta nela o arroubamento inicial não são as qualidades formais do bebê que ela pode perceber, senão aquele aspecto da *bebitude* (*babyishness*) do seu filho que tem a ver com o potencial para o desenvolvimento.

Meltzer (1988) propõe que o conflito com o objeto presente antecede o conflito com o objeto ausente. A teoria kleiniana e seus desenvolvimentos tinham colocado a ênfase no momento de separação, centrada na ameaça de perda do objeto bom total na posição depressiva e no luto ligado à experiência de desmame. Porém a teoria da inveja, ao antepor a inveja à frustração, já traz na origem o conflito que se suscita ante os aspectos valiosos do objeto presente. A privação externa constitui um estímulo para a aparição de sentimentos invejosos e deve ser diferenciada da frustração, já que esta tem uma fonte interna.

O conflito estético impulsiona o desenvolvimento ao promover a formação de símbolos e o desejo de apreender o significado emocional das experiências. Isto emerge da necessidade de descobrir e conhecer o interior do objeto presente. A maneira como este conhecimento se realiza pode ter duas vertentes opostas: uma consiste em conjeturas imaginativas, outra, em certezas construídas por identificação projetiva intrusiva. O modo prevalente de relação com o objeto será um





divisor de águas entre os aspectos criativos e destrutivos deste conhecimento.

Neste ponto vou retomar o contraponto entre enigma e mistério. É muito importante clarificar a diferença entre uma concepção do interior da mãe interna que deriva da imaginação e uma que é o produto da intrusão onipotente e onisciente. Ao comparar as duas concepções, aquela construída pela imaginação e outra pela intrusão, podemos compreender a significativa diferença de visão de mundo determinada pela realidade psíquica que existe na saúde e na perturbação mental descrita por Meltzer em *O Claustro* (1992).

Se o sujeito tenta resolver o enigma do objeto, promove-se a curiosidade por descobrir um segredo em que o sujeito infantil quer estar incluído, já que sente esta inclusão como um direito, ditado em realidade pelos seus ciúmes.

O mistério se caracteriza justamente por não ser um segredo. Implica um reconhecimento da privacidade do objeto e promove a capacidade de tolerar o desconhecido sem apressar interpretações prematuras de sentido e motivações. Implica a capacidade de tolerar a beleza do mundo, da qual a mãe é a representante inicial, apesar dos aspectos desconhecidos, incompreensíveis e até aterrorizantes envolvidos.

Qualidades estéticas do método psicanalítico

Pensar o desenvolvimento humano em relação a um objeto que é bom, se é ao mesmo tempo veraz e belo, expressa-se na atmosfera do consultório e no vínculo com o método analítico. Em seu livro, *A Apreensão da Beleza*, Meltzer (1988) diz que o método psicanalítico tem para ele, e chega a ter para alguns pacientes, uma qualidade estética. Inclusive parece considerar que as qualidades estéticas do método psicanalítico têm também um papel em seu valor terapêutico.

Referindo-se a Richard, tratamento sobre o qual Meltzer escreveu o segundo volume do *Desenvolvimento Kleiniano* (1978b), faz o seguinte comentário:

“Se a gente lê A Narrativa da Análise de uma Criança, pode-se ver que... sua maneira de ser, sua personalidade, seus valores, seus interesses, todo isso, influi em Richard. Ela tocava piano, Richard tocava piano; isto estabelecia uma ligação entre eles, e sobre isso não há nenhuma dúvida. Ela adorava a paisagem desta zona da Escócia onde estava tendo lugar a análise, da mesma forma que Richard, que a adorava e a admirava o tempo todo. E quando chegou o momento de finalizar esse tratamento extraordinariamente curto, denso e fantásticamente terapêutico, Richard sofreu muito.





Clara Nemas

Sofreu por ter que perder Mrs. Klein que estava na sua mente estreitamente relacionada com as estrelas, com o céu e as montanhas. Sofreu por perdê-la como um objeto de beleza”².

O contraponto entre enigma e mistério tem efeitos na atividade analítica, já que implica uma eleição: considerar o inconsciente de nossos pacientes – e o nosso – como algo a ser desvelado (o enigma), ou como algo que pode revelar-se (o mistério).

Em *Estados sexuais da mente*, Meltzer (1973) diz que a sexualidade adulta não se transfere, já que a situação transferencial atrai os aspectos infantis e perversos da mesma. Isto asseguraria a preservação da privacidade da vida amorosa adulta do paciente e do seu parceiro. Ao ler esta proposta à luz da inclusão da qualidade estética no trabalho analítico, penso que esta idéia se enriquece. Se formos conseqüentes com a tolerância ao mistério e o respeito pela privacidade, a atmosfera de trabalho analítico tem uma qualidade que deriva da noção de que não é tudo que se transfere; há aspectos do *self* do paciente que não se conhecem, porque há algo desse *self* privado que não se entrega na relação.

A atitude analítica que deriva destes desenvolvimentos requer do psicanalista algo da resposta materna ao conflito estético, quer dizer que o trabalho analítico está orientado ao respeito pelo potencial desenvolvimento da criança no paciente. Na medida em que a psicanálise se sustenta entre a educação das crianças e a atividade artística, o método analítico adquire um valor primordial. Assim como o artista criativo, o psicanalista necessita estar em um contato apaixonado com seu método de trabalho, retroceder perante as *demandas da tarefa* (Meltzer, 1967).

Final

A inclusão do conflito estético na conceitualização do desenvolvimento precoce abriu um campo que, se por um lado se encontrava no início na teoria kleiniana, não havia alcançado o desenvolvimento que lhe deu Donald Meltzer. A primazia da relação conflitiva com o objeto presente e a importância da reciprocidade na relação de objeto complementam o peso que Melanie Klein outorgou à origem do significado no mundo interno. Efetivamente, as experiências só podem

2. Conferência pronunciada pelo Dr. Meltzer em 14 de abril de 1989 em APdeBA.





ser vividas e significadas subjetivamente, mas a subjetividade constituída no seu núcleo, pela inclusão do objeto bom na intimidade do *self*, ganha complexidade pela resposta do objeto.

Esta maneira de entender o desenvolvimento psíquico precoce tem uma influência crucial no modo de conceber o processo psicanalítico e a posição do analista. Esta idéia de uma análise que ajuda a reunificar os aspectos cindidos do consórcio passional de amor, ódio e conhecimento, coloca analista e paciente em um caminho de crescimento mental marcado pelo contraponto entre a tolerância ao mistério e o interesse apaixonado pelo conhecimento. □

Abstract

The aesthetic conflict in the field of values: counterpoint between enigma and mystery

In this paper I propose that the inclusion of the aesthetic conflict in the conceptualization of early development opened up a field in the conception of analysis that, although it had been germinating in the Kleinian theory, had not reached the level of development given to it by Donald Meltzer. The aesthetic conflict drives development by promoting the formation of symbols and the desire to learn the emotional significance of experiences. This emerges from the need to discover and know the interior of the present object. The way in which this knowledge is achieved may have two opposite lines: one consists of tolerating the mystery within the object, forging imaginative conjectures in wait of revealed knowledge. The other attempts to unveil an enigma that hides a secret, through certainties constructed by intrusive methods. The prevalent mode of relationship with the object will be the watershed between the creative and destructive aspects of this knowledge.

Keywords: aesthetic conflict, enigma, mystery, early development.

Resumen

El conflicto estético en el área de los valores: contrapunto entre enigma y misterio

En este trabajo propongo que la inclusión del conflicto estético en la conceptualización del desarrollo temprano ha abierto un campo en la concepción del



análisis, que si bien estaba en germen en la teoría kleiniana, no había alcanzado el desarrollo que le dio Donald Meltzer. El conflicto estético impulsa al desarrollo al promover la formación de símbolos y el deseo de aprehender el significado emocional de las experiencias. Esto emerge de la necesidad de descubrir y conocer el interior del objeto presente. La manera en que este conocimiento se lleve a cabo puede tener dos vertientes opuestas: una consiste en tolerar el misterio del interior del objeto forjando conjeturas imaginativas a la espera de un conocimiento revelado. La otra intenta develar un enigma que oculta un secreto, a través de certezas construidas por métodos intrusivos. El modo prevalente de relación con el objeto dividirá las aguas entre los aspectos creativos y destructivos de este conocimiento.

Palabras llave: conflicto estético, enigma, misterio, desarrollo temprano.

Referências

- Diccionario de la Lengua Española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 1992.
- KLEIN, M. (1935). A contribution to the psychogenesis of manic depressive states. In: ———. *The writings of Melanie Klein*. London: Hogarth Press, 1975, v. 1, 262-289.
- . (1940). Mourning and its relation to manic depressive states. In: ———. *The writings of Melanie Klein*. London: Hogarth Press, 1975, v. 1, 344-69
- . (1957). Envy and gratitude. In: ———. *The writings of Melanie Klein*. London: Hogarth Press, 1975, v. 3, 176-235.
- . (1963). On the sense of loneliness. In: ———. *The writings of Melanie Klein*. London: Hogarth Press, 1975, v. 3, 300-313.
- MELTZER, D. (1964). The differentiation of somatic delussions from hypocondria. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 45, n. 2, p. 246-250.
- . (1967). *The psycho-analytical process*. Perthshire: Clunie Press, 1979
- . (1973). *Sexual states of mind*. Perthshire: Clunie Press
- . (1978a). *The Collected Papers of Money-Kyrle. Editor's introduction*. Perthshire: Clunie Press.
- . (1978b). *The kleinian development*. Perthshire. Clunie Press.
- . (1988). *The aprehension of beauty*. Perthshire. Clunie Press.
- . (1992). *The claustrum: an investigation of claustrofobic phenomena*. Perthshire. Clunie Press.



O conflito estético na área dos valores: contraponto entre enigma e mistério

MONEY-KYRLE, R. (1955). Psychoanalysis and ethics. In: ———. *The collected papers of Money-Kyrle*. Perthshire: Clunie Press, 1978.

MORIN, E. (1994). *Introducción al pensamiento complejo*. Buenos Aires: Gedisa.

Recebido em 05/12/2004

Aceito em 15/12/2004

Tradução de **Marcela Miranda**

Revisão técnica de **Gisha Brodacz**

Clara Nemas

French 3027

1425 – Buenos Aires – Argentina

E-mail: cnemas@api.org.ar

© Revista de Psicanálise – SPPA

